



QUADRO FORMAL DA LÍNGUA E CENOGRAFIA: UMA POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO DISCURSO

Cristiano Oldoni¹
Ernani Cesar de Freitas²

Resumo: Contemplar o aspecto enunciativo de uma produção discursiva requer a mobilização de conhecimentos de conceitos diversificados que, contemporaneamente, vêm conquistando espaço de maior destaque na linguística. Assim, a necessidade e a importância de sistematização de instrumentos e dispositivos de análise de discurso surgem com a finalidade de possibilitar a apreensão global da significância de tais produções. Considerando o panorama exposto, esse estudo propõe como objetivo reconhecer o procedimento de associação entre os índices do quadro formal de realização da língua e a cenografia constituinte da cena de enunciação de um gênero discursivo. Baseando-se principalmente nas contribuições de Benveniste (2006) sobre o Aparelho Formal da Enunciação e de Maingueneau (2008, 2010) acerca da cena de enunciação, essa análise apresenta pesquisa descritiva e qualitativa com abordagem bibliográfica na análise de corpus vinculado a um pronunciamento religioso, apontando para a decisiva participação colaborativa dos marcadores intradiscursivos na produção de sentido de um discurso.

Palavras-chave: Discurso; Aparelho Formal da Enunciação; Cenografia.

260

Formal language framework and scenography: a chance of sense in the speech construction

Abstract: Contemplating the enunciative aspect of a discursive production requires a mobilization of knowledge of diverse concepts that, contemporaneously, have been increasing space in linguistics. Thus, the necessity and importance of instruments and devices systematization of discourse analysis emerge in order to make the apprehension of the global significance of these productions. Considering the scenario above, this study proposes as objective to recognize the association procedure between the indices in the formal language framework and constituent scenography in the enunciation scene of a speech genre. Relying on contributions from Benveniste (2006) about formal apparatus of enunciation and Maingueneau (2008, 2010) about the scene of enunciation, this analysis presents descriptive and qualitative research with literature on a corpus analysis linked to a religious statement, pointing to a decisive collaborative participation of the intradiscursive markers in the meaning of speech production.

Keywords: Speech; Formal Apparatus of Enunciation; Scenography.

¹ Mestre em Letras (Universidade de Passo Fundo – UPF). Especialista em Leitura, produção, análise e reescritura textual (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI). Graduado em Letras/Espanhol (URI).

² Doutor em Letras (PUCRS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); professor permanente do PPG em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).



INTRODUÇÃO

São diferentes e adequadamente produtivas as reflexões que contemporaneamente vêm sendo desenvolvidas para estudo e análise de construções discursivas, cada qual mobilizando diferenciados dispositivos teóricos e metodológicos para abordagem da materialidade linguística. Dentre tais teorias e disciplinas, ganham espaço cada vez mais privilegiado aquelas relacionadas com as abordagens enunciativas da língua e as direcionadas à análise do discurso em si.

A fim de garantir a construção e a apreensão global do sentido e da significância do discurso, tornam-se válidos os variados modelos e instrumentos confeccionados, mobilizando os diferentes marcos teóricos do campo da enunciação e do discurso. Nessa perspectiva, propomos a análise do funcionamento e da produção de sentido de um discurso religioso, veiculado por meio de um pronunciamento público formal, buscando sua significância através da reconstrução da cena de enunciação que o configura e identificação do ethos discursivo, de acordo com os conceitos previstos por Dominique Maingueneau (2008, 2010). A construção dessa cena, pretendemos demonstrar, se dá também a partir da marcação efetiva de índices de pessoa, ostensão e tempo, propostos por Émile Benveniste (2006), para o quadro formal de realização da língua, em “O Aparelho Formal da Enunciação”.

Percebemos como possível essa interface considerando a natureza essencialmente intradiscursiva de ambas as teorias mobilizadas: a enunciação, explorada por Benveniste, e a análise de discurso especificada por Maingueneau. Na primeira seção do artigo, abordamos a conceituação de cena de enunciação, cenografia e ethos; na segunda especificamos o quadro formal de atualização e realização da língua, pontuando os índices de pessoa, índices de ostensão e formas temporais; já na terceira seção especificamos a metodologia empregada para exploração da materialidade linguística e, na quarta seção, colocamos em interface as duas linhas teóricas, realizamos a análise de *corpus* e marcamos seus principais pontos de encontro.



1. O funcionamento da língua a partir de um enfoque discursivo

Os estudos desenvolvidos por Dominique Maingueneau (2008, 2010) refletem uma tentativa de especificar o funcionamento discursivo, a partir do conjunto de sua significância, princípio que rege a organização do emprego da língua. Nessa abordagem, o autor faz referência à “existência de um princípio dinâmico que rege o conjunto dos planos de uma língua” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 76). Esses planos buscam dar conta de tal funcionamento recorrendo a outras manifestações a que se reporta o processo, observação e análise do léxico empregado, constatação daquilo que o discurso trata e dos estatutos e posições dos coenunciadores, além das marcações espaço-temporais do universo próprio criado na enunciação, do modo de dizer e das relações internas do discurso.

Instância dotada de dinamismo próprio, o discurso se coloca, assim, como sistema complexo de vivências dos sujeitos coenunciadores³. Uma vez que tal vivência se dá, basicamente, por meio do dizer, é o “modo de enunciação” que privilegiamos nessa análise, a fim de promover uma especificação do âmbito intradiscursivo.

Todos os atos de enunciação, de acordo com Maingueneau (2010), implicam não somente coordenadas dêiticas de pessoa, espaço e tempo para a apreensão do funcionamento do discurso, mas também a relevância do contexto no processo interpretativo. Assim, teorias da enunciação, semântica e disciplinas do discurso se engendram a fim de contemplar especificações do emprego da língua, numa perspectiva enunciativa. Para tanto, é importante que consideremos, na materialização linguística e para dar conta dela, o plano da enunciação elementar e o plano do texto.

A MATERIALIZAÇÃO LINGUÍSTICA

Compondo o plano da enunciação elementar, encontram-se a situação de enunciação e a situação de locução, representando, respectivamente, um âmbito mais abstrato e outro mais concreto da materialização da situação comunicativa.

³ A título de esclarecimento terminológico, acrescentamos que Maingueneau utiliza “coenunciadores”, sem hífen, para reportar-se ao par enunciador e co-enunciador, este com hífen, designando o destinatário/interlocutor.



Maingueneau (2010, p. 200) define a situação de enunciação como um “sistema de coordenadas abstratas, puramente linguísticas, que torna possível todo e qualquer enunciado, fazendo-o refletir sua própria atividade enunciativa”, colocando em evidência as posições fundamentais de enunciador, co-enunciador e não-pessoa.

Nesse panorama, o ponto de origem das coordenadas enunciativas é a posição do enunciador, marcada linguisticamente pelos pronomes pessoais de primeira pessoa. No mesmo plano está o co-enunciador, oposto, mas solidário ao enunciador (passível de converter-se em enunciador). Não suscetível a efetuar um enunciado, está a não-pessoa que, por si, não pode assumir a situação de enunciação, e tampouco se configura no mesmo plano do enunciador e do co-enunciador. “Eu” e “tu” não permitem substituições anafóricas, devido às posições que ocupam, ao contrário da não-pessoa. Esse sistema de coordenadas baseia também a marcação de dêiticos espaciais e temporais, o “aqui” e o “agora” da enunciação.

A situação de locução apresenta-se como sistema de materialização da enunciação, onde se distinguem três lugares/figuras: locutor, alocutário e delocutado, posições essas que, normalmente, se harmonizam com o eu, tu e não-pessoa da situação enunciativa, embora isso não se consolide como regra.

Segundo Maingueneau (2010, p. 204, grifo do autor), “os enunciados elementares são, na realidade, eles mesmos constituintes de *textos*, de unidades transfrásticas relacionadas a gêneros do discurso, dispositivos de comunicação verbal sócio-historicamente definidos”.

Concebendo, assim, o gênero do discurso a partir de limites sociais e históricos, é possível considerar o plano do texto, no qual estão a situação de comunicação e a cena de enunciação, perspectiva externa e interna da situação discursiva, respectivamente.

A situação de comunicação abarca, em si, uma visão sociológica do discurso, da qual ele é efetivamente indissociável. Alguns parâmetros têm sido empregados em estudos diversos para definição/delimitação da situação de comunicação: finalidade, estatuto dos parceiros, circunstâncias apropriadas, modo de inserção na temporalidade, suporte, esquema textual e determinado uso da língua.

Por outro lado, analisar uma “situação de discurso como cena de enunciação é considerá-la ‘do interior’, através da situação que a fala pretende definir [...]. Um texto



é, na verdade rastro de um discurso no qual a fala é encenada”. (MANGUENEAU, 2010, p. 205). Essa configuração interna do discurso envolve três planos complementares: cena englobante, relacionada com o tipo, com a natureza geral do discurso; cena genérica, determinante dos gêneros do discurso específicos que funcionam a partir de sistemas de normas, é possibilitadora da interação entre os coenunciadores na cena englobante; e cenografia, intradiscursiva, construída a partir do próprio texto, legitima a cena de enunciação ao se desenvolver.

Alguns gêneros, fugindo aos moldes pré-concebidos, exigem a instauração de cenografias diversificadas, o que mantém íntima relação com a finalidade do gênero e marca efetivamente as posições dos coenunciadores. O emprego do termo “cenografia” agrega ao clássico sentido teatral de cena o traço da “inscrição”, que faz referência à legitimação (o “inscrever-se”) da enunciação no todo discursivo, fazendo-a, de fato, existir. É indispensável conceber a cenografia não apenas como quadro, no interior do qual se desenvolve o discurso, mas também como o próprio processo por meio do qual se instaura a enunciação.

264

Devemos considerar, na (re)construção exploratória e analítica da cenografia, os indícios variados nos quais ela se apoia para construir-se. De acordo com Maingueneau (2008b, p. 77),

em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge.⁴

Esse surgimento do discurso se dá por meio de seu engendramento paradoxal com a própria cenografia: o discurso vem da cenografia que, por sua vez, só se constrói a partir dele. É necessário considerarmos também a estreita relação entre a cenografia e os conteúdos do discurso. De fato, a cenografia (e, de modo geral, a cena de enunciação em si) adquire *status* de valor efetivo a partir de sua relação com os conteúdos do discurso que, de certa forma, já passaram sistemas de restrições em sua abordagem.

⁴ Observemos a harmonia dos estudos de Maingueneau (2008b) com as propostas teóricas de Benveniste (2006), apresentadas em “O aparelho formal da enunciação”, referentes aos índices de pessoa, índices de ostensão e formas temporais, que serão pontuados na próxima seção deste artigo.



Grosso modo, pode-se observar que a situação de enunciação permite o surgimento de uma situação de comunicação que, por sua vez, possibilita a construção de uma cena de enunciação, no interior da qual se desenvolve certa cenografia.

Cabe aqui nossa primeira referência a ethos discursivo nesse estudo, pois é a partir do desenvolvimento da cenografia que ele se consolida. Maingueneau (2008b, p. 69) salienta que o ethos, imagem do enunciador refletida no discurso, possibilita uma análise ampla da filiação dos sujeitos a determinadas posições discursivas. Tendo como base as contribuições de Maingueneau, Amossy (2008, p.16) complementa que “o enunciador deve se conferir [...] certo status para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”.

A construção/manifestação do ethos está diretamente ligada à enunciação e não a uma concepção extradiscursiva do enunciador, estando suas marcas no processo do dizer e não exteriores a ele. O surgimento do ethos envolve a enunciação, mas não há explicitação no enunciado, concretizando geralmente no plano do “mostrado” e não no plano do “dito”. Ainda que seja plausível a concepção de um ethos pré-discursivo por parte do co-enunciador em muitas ocorrências enunciativas, vale ressaltar que é o ethos mostrado que tem real validade e ele somente se dá a partir do ato da enunciação.

Maingueneau (2008b) associa a noção de ethos à de tom, indicador de quem produz um discurso e constituinte da consolidação de um posicionamento discursivo. Identificando a vocalidade de um discurso, determinamos também seu tom, o que conduz, conseqüentemente, à construção de um corpo do enunciador. “Assim a leitura faz emergir uma **origem enunciativa**, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador”. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 72, grifo nosso).

O tom encontra apoio na figura do fiador, “entidade abstrata”, que é o papel exercido pela origem enunciativa, instância subjetiva encarnada por uma dimensão vocal, determinações físicas e psíquicas atribuídas à personagem do enunciador. O fiador é construído com base em indícios textuais e é investido de caráter (feixe de traços psicológicos) e corporalidade (temperamento corporal, maneira de colocar-se no espaço social).

Já em relação à incorporação, podemos compreendê-la como uma espécie de contrapartida do co-enunciador no processo de engajamento ao discurso em produção,



sendo uma forma de associar-se ao ethos do discurso. A incorporação dá um corpo ao fiador e permite ao co-enunciador apropriar-se de certos padrões que lhe permitem relacionar o discurso com o mundo para que possa aderir a ele. Nesse panorama, aceitando que o ethos provoca uma atitude de agência por parte de ambos os coenunciadores, os conteúdos tornam-se, automaticamente, interdependentes da cena de enunciação que constroem. O ethos incorpora o co-enunciador a uma cenografia específica: o discurso (produto e pressuposto da cenografia) desenvolve tal sentido que torna necessário o tratamento do conteúdo de determinada forma. Assim, o discurso “é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva”. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 74).

Retomando a globalidade do mecanismo dinâmico de funcionamento do discurso, Maingueneau (2008b, p. 90, grifo do autor) esclarece que

como o enunciado se dá pelo tom de um fiador associado a uma dinâmica corporal, o leitor não decodifica seu sentido, ele participa “fisicamente” do mesmo mundo do fiador. O co-enunciador captado pelo *ethos*, envolvente e invisível, de um discurso, faz mais do que decifrar conteúdos. Ele é implicado em sua cenografia, participa de uma esfera na qual pode reencontrar um enunciador que, pela vocalidade de sua fala, é construído como fiador do mundo representado.

266

Considerando a participação e a atuação dos coenunciadores no processo de construção de sentido de um discurso, aceitamos, conseqüentemente, seu caráter essencialmente subjetivo. Por outro lado, também as marcas deixadas na concretude linguística oferecem o balizamento necessário à apreensão da significância global. Nesse sentido, na seção seguinte abordamos e descrevemos o quadro formal de realização da língua, disposto por Benveniste (2006), dando ênfase aos marcadores da enunciação.



A REALIZAÇÃO DA LÍNGUA A PARTIR DO APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO

Os estudos de Émile Benveniste representam notável contribuição para a análise da língua com enfoque enunciativo, marcando importantes especificações do modo de dizer. O texto “Aparelho Formal da Enunciação” (BENVENISTE, 2006), datado de 1970, trata de certa oposição entre uma linguística das formas e uma linguística da enunciação.

A priori, entende-se como emprego das formas as próprias regras normatizadoras das construções sintáticas onde as formas normalmente podem ou devem ocorrer. Em uma linguística das formas, trabalha-se com escolhas limitadas (tanto paradigmáticas, quanto sintagmáticas), obtendo-se assim “um inventário que poderia ser, teoricamente, exaustivo, dos empregos das formas, e em consequência uma imagem pelo menos aproximada da língua em emprego”. (BENVENISTE, 2006, p. 81).

Entretanto, é possível considerar, como Benveniste (2006) bem o faz, uma distinção entre as condições de emprego de tais formas e as condições de emprego da língua. A organização interna (possível) do sistema não se dá nas mesmas condições que a prática da língua, que invoca novo entendimento de descrever e interpretar as mesmas coisas. Nessa perspectiva, Benveniste (2006, p.82) propõe a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, um processo absolutamente constante que afeta e atualiza a língua como um todo a cada ocorrência de produção de discurso. É importante destacarmos que a enunciação remete diretamente ao ato de produção discursiva de enunciados e não propriamente ao texto produzido por meio de tal mobilização da língua pelo locutor: tanto tomada como fato do locutor quanto marcas linguísticas da relação desse locutor com a língua, a enunciação pressupõe a presença de um sujeito em situação de produção de discurso.

O processo de enunciação, embora possa ser analisado a partir de sua realização vocal e como semantização da língua, para o estudo ora proposto, será tomado em seu quadro formal de realização, chamado por Benveniste de Aparelho Formal da Enunciação, correspondendo às características formais que partem da atualização individual da língua.



Sucessivamente, é possível abordar os seguintes aspectos da enunciação: a) ato, que introduz o locutor (parâmetro, condição necessária) apropriando-se da língua e convertendo em algo real o que antes era apenas possibilidade (depois da enunciação, a língua efetua-se na instância do discurso); b) situação de realização, representando a enunciação como apropriação do aparelho formal, onde o indivíduo enuncia sua posição de locutor, implantando o outro (alocutário) diante de si; c) instrumentos de realização, sendo possibilidades de referir pelo discurso, constituem a enunciação para expressar determinada relação com o mundo, em que a instância do discurso tem um centro de referência interno. São essas as condições que organizam e possibilitam a referenciação no processo enunciativo. Em resumo,

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença de locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso tenha um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com a enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 84.)

268

Apropriando-se da virtualidade da língua, o sujeito inscreve-se em sua fala, mediado, mediado pelo próprio ato de dizer. Esse processo deixa vestígios, marcas na enunciação, compondo um quadro formal.

O QUADRO FORMAL DE REALIZAÇÃO DA LÍNGUA

O fenômeno de apropriação e materialização linguística implica o reconhecimento e apreensão do funcionamento de índices de pessoa, índices de ostensão e formas temporais. São esses índices e formas que permitem ao locutor enunciar sua posição e produzir seu discurso.

Os índices de pessoa manifestam-se na relação “eu/tu”, produzida exclusivamente na enunciação, consolidando as posições de locutor e alocutário. Já os índices de ostensão (exposição, amostra) representam um gesto indicativo do objeto. Nessa perspectiva, pronomes pessoais e demonstrativos, por exemplo, se apresentam como indivíduos linguísticos, remetendo sempre a indivíduos, quer se trate de pessoas, lugares, momentos. Tais termos são assim nomeados por nascerem na enunciação, são



produzidos por acontecimentos individuais. Esses índices têm relação direta com o “lugar” em que se desenrola a cena enunciativa de produção de discurso. Já as formas temporais são determinadas em relação ao centro da enunciação, representada pelo tempo “presente”, que coincide com o momento da enunciação.

A categoria enunciativa das formas temporais faz referência, então, ao tempo da/na enunciação, justamente porque a ideia de temporalidade instaura-se na e pela enunciação.

Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 2006, p. 85).

O presente da ocorrência enunciativa renova-se a cada produção de discurso, auxiliando e promovendo de forma pontual a construção da situação enunciativa e configurando de maneira eficaz a presença do locutor em seu próprio discurso. É um sentimento de continuidade impresso na consciência humana pelo presente, inerente à enunciação.

Considerando os índices e as formas expostas, é plausível constatar que por meio da enunciação (e somente nela) alguns signos passam a existir, diferentemente de outras entidades que têm na própria língua um estatuto pleno. É o caso dos dêiticos, que emanam do próprio processo enunciativo, nele se constroem e corroboram para a materialização do discurso.

Tanto os índices quanto as formas e as possibilidades de influência das ocorrências enunciativas, enquanto processo de tomada da virtualidade da língua, enfatizam a característica principal da enunciação, a ênfase na relação discursiva com o parceiro. Sendo forma de discurso,

a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Esse quadro é dado



necessariamente com a definição de enunciação. (BEVENISTE, 2006, p. 87, grifo do autor).

Então, retomando o exposto, temos a configuração do aparelho formal da enunciação a partir da consideração do ato individual de utilização e as situações e instrumentos de realização, além da observação das implicações de índices de pessoa, ostensão e tempo, que constroem efetivamente a relação entre locutor e alocutário.

METODOLOGIA

A análise do pronunciamento de renúncia do Papa Bento XVI possui abordagem qualitativa e é de natureza aplicada, com caráter exploratório-descritivo, a partir de referências que abordam as áreas de conhecimento envolvidas neste estudo, como as teorias da enunciação e a análise do discurso, principalmente com base nas contribuições de Benveniste (2006), que especificam o quadro formal de realização da língua, e nos estudos de Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2010), que sistematizam o funcionamento geral do discurso, mediante a reconstrução exploratória de sua cena de enunciação e de sua cenografia, apoiada nas marcas do aparelho formal da enunciação. Tais diretrizes auxiliam-nos na construção de um roteiro de estudo, compondo um sistemático dispositivo analítico, conforme se pode perceber na sequência.

270

A CONFIGURAÇÃO DA CENOGRAFIA POR MEIO DO QUADRO FORMAL DE REALIZAÇÃO DA LÍNGUA

As ideias apresentadas anteriormente representam grandes avanços em direção a um claro entendimento de usos específicos e concretização de práticas discursivas. Tanto a configuração do quadro formal de realização e atualização da língua, proposto por Benveniste (2006), quanto a organização do discurso por meio de uma cena enunciativa, demonstrada por Maingueneau (2008, 2010), apresentam alguns pontos de encontro e, nessa análise, chamamos a atenção e nos detemos a um deles, que se dispõe de forma bastante nítida: os índices de pessoa, ostensão e tempo (constituintes do aparelho formal da enunciação) são fortes indícios e marcações que promovem a construção efetiva da cenografia de um discurso (componente da cena de enunciação).



Se por um lado, na cena de enunciação, a cena englobante e a cena genérica determinam o funcionamento social e as condições e circunstâncias da enunciação, por outro lado, a cenografia se materializa a partir do discurso em si, encontrando-se num plano intradiscursivo (e permitindo o surgimento efetivo de um ethos), da mesma forma que é tomada a língua no panorama enunciativo do aparelho formal da enunciação.

É esse o aspecto que aprofundamos a seguir, na análise de *corpus* relacionado à manifestação pública de Joseph Aloisius Ratzinger, o Papa Bento XVI, na ocasião em que abdica à condução da igreja católica, situação rara na história. Foi a única vez na trajetória contemporânea da igreja católica que um discurso foi produzido nessas circunstâncias e, devido a essa singularidade, merece espaço neste estudo. Com a finalidade de melhor organizar nossa análise, transcrevemos o *corpus* citado.

Caros irmãos:

05 Convoquei-os para este Consistório, não apenas para as três
canonizações, mas também para comunicar a vocês uma decisão de grande
importância para a vida da Igreja. Após ter repetidamente examinado minha
consciência perante Deus, eu tive certeza de que minhas forças, devido à
avançada idade, não são mais apropriadas para o adequado exercício do
ministério de Pedro. Eu estou bem consciente de que esse ministério,
devido à sua natureza essencialmente espiritual, deve ser levado não apenas
com palavras e fatos, mas não menos com oração e sofrimento. Contudo,
10 no mundo de hoje, sujeito a mudanças tão rápidas e abalado por questões de
profunda relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e
proclamar o Evangelho, é necessário tanto força da mente como do corpo, o
que, nos últimos meses, se deteriorou em mim numa extensão em que eu
tenho de reconhecer minha incapacidade de adequadamente cumprir o
15 ministério a mim confiado. Por essa razão, e bem consciente da seriedade
desse ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério como
Bispo de Roma, sucessor de São Pedro, confiado a mim pelos cardeais em
19 de abril de 2005, pelo qual a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20h, a
20 Sé de Roma, a Sé de São Pedro, vai estar vaga e um conclave para eleger o
25 novo Sumo Pontífice terá de ser convocado por quem tem competência
30 para isso.

Caros irmãos, agradeço sinceramente por todo o amor e trabalho com
que vocês me apoiaram em meu ministério, e peço perdão por todos os
meus defeitos. E agora, vamos confiar a Sagrada Igreja aos cuidados de
nosso Supremo Pastor, Nosso Senhor Jesus Cristo, e implorar a sua santa
mãe Maria para que ajude os cardeais com sua solicitude maternal, para
eleger um novo Sumo Pontífice. Em relação a mim, desejo também
devotamente servir a Santa Igreja de Deus no futuro, através de uma vida
dedicada à oração.

Bento XVI
(G1, 11 fev. 2013)



A propósito da cena de enunciação dessa manifestação discursiva, podemos observar, de acordo com as considerações de Maingueneau já expostas, que a cena englobante, enquanto estatuto pragmático, é o discurso religioso, e sua cena genérica, implicada pela circunstância da enunciação, é a de um pronunciamento público. No entanto, cena englobante e genérica não são suficientes para especificar as atividades verbais em que estão envolvidos os sujeitos “eu/tu” e o discurso em si: não é com esse panorama que o co-enunciador se confronta, mas com uma cenografia que distingue essa manifestação de outros pronunciamentos. A partir das considerações de Maingueneau (2008c, p. 70),

[...] qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. A cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala.

272

A distinção entre esse pronunciamento, enquanto manifestação discursiva, e outros do mesmo gênero se dá a partir de vários indícios. Já pelo vocativo proposto pelo enunciador é possível construir uma imagem preliminar que tem de seus co-enunciadores e também a posição que determina a eles na cena: “caros irmãos”, repetido em dois momentos, é passível de dupla análise. Primeiramente, a qualificação dos presentes na assembleia como “irmãos” reflete determinada condição de /Afinidade/⁵ e possível /Proximidade/ entre os coenunciadores, eles partilham das mesmas crenças, das mesmas visões e preceitos relacionados à religião e espiritualidade. Em segundo lugar, a adjetivação “caros”, associada a “irmãos”, reflete a estima presente na relação, embora haja certo distanciamento (ainda que enfaticamente respeitoso), exigido pela situação, pois trata-se do papa dirigindo-se a cardeais.

Tal /Distanciamento respeitoso/ é destacado especificamente por algumas marcas de comunicação categórica das informações, que não abrem espaço para dúvidas, interpelações e sugestões. É o caso de “convoquei” (l. 2), “para comunicar” (l. 3), “certeza” (l. 5), “governar” (l. 12), “declaro” (l. 18), presentes na primeira parte do

⁵ Entre barras figuram os tópicos semânticos que emergem da cenografia do pronunciamento e contribuem fortemente para identificação do ethos discursivo.



pronunciamento. Da mesma forma, ao observarmos a construção “após ter repetidamente examinado minha consciência perante Deus” (l. 4 e 5), é possível somarmos a esse distanciamento respeitoso a ideia de /Cautela/, condicionalmente justificada se considerarmos que para o enunciador se torna mais confortável fundamentar a decisão tomada (e que será comunicada a seguir) no exame de consciência e na oração, submetida e aliada à constância diante dos infortúnios.

Essa /Resignação/ também é manifestada por meio das passagens “é necessário tanto força da mente como do corpo, o que, nos últimos meses, se deteriorou em mim numa extensão em que eu tenho de reconhecer minha incapacidade de adequadamente cumprir o ministério a mim confiado” (l. 13 a 17) e “minhas forças, devido à avançada idade, não são mais apropriadas para o adequado exercício do ministério de Pedro” (l. 6 e 7), quando o enunciador reconhece, a partir de seu próprio juízo, que já não é mais apto para ocupar o cargo e desempenhar as funções até então designadas a ele, reconhecendo seus limites. Ainda, a partir dessa última passagem do pronunciamento, emerge a noção de /Reflexão crítica/ associada à pessoa em si do então Papa, pois é a partir do pensamento profundo e reflexivo que ele conclui não mais ter as forças que seriam adequadas e apropriadas para o cargo, para o ministério. Há, inclusive, o /Enobrecimento da função/ pelo próprio enunciador, ao referir-se a ele como algo que “deve ser levado não apenas com palavras e fatos, mas não menos com oração e sofrimento” (l. 9 e 10).

273

Já que tão nobre se conceitua o “ministério de Pedro” pelo então Papa Bento XVI, o próprio pontífice manifesta sua /Satisfação pela confiança recebida/ dos cardeais, seus co-enunciadores no momento do discurso, por terem a ele confiado a missão de conduzir a igreja católica, explicitada por duas vezes, em “ministério a mim confiado” (l. 16 e 17) e em “ministério como Bispo de Roma, [...] confiado a mim pelos cardeais” (l. 18 e 19).

O aspecto reflexivo e crítico desse discurso também se deixa evidenciar no trecho “no mundo de hoje, sujeito a mudanças tão rápidas e abalado por questões de profunda relevância para a vida da fé [...] é necessário tanto força da mente como do corpo” (l. 10 a 14), quando o enunciador constata as alterações no panorama mundial e os possíveis riscos de que a fé dos homens em sua igreja se abale como consequência de tais



mudanças e por conta de novos conflitos que surgem permanentemente. A constatação dessa perspectiva e sua relação com a adesão da humanidade à fé e à igreja revela também uma importante /Conexão com a realidade/ global.

Ainda anteriormente ao anúncio explícito de renúncia ao cargo ocupado, o enunciador exterioriza em seu discurso que goza de boa saúde mental, por meio da elaboração contextualizada de “eu estou bem consciente” (l. 7 e 8) e, em outra construção posterior, insiste nessa ideia ao afirmar que está “bem consciente da seriedade desse ato” (de renunciar ao posto) (l. 17). Temos nessas ocorrências o reflexo de uma /Serenidade suposta/, uma vez que Bento XVI julga necessário insistir na ideia de estar consciente de seus atos, como se percebesse a necessidade de enfatizar a seus co-enunciadores de que isso é fato, a fim de convencê-los. Some-se a isso a garantia da /Vontade própria/, da opção pela abdicação ter partido dele próprio, expressa formalmente por “com plena liberdade” (l. 18), imediatamente anterior à declaração de renúncia.

Quanto à declaração de abdicação em si, auge do pronunciamento, percebemos sua explicitude de conteúdo em “declaro que renuncio ao ministério como Bispo de Roma” (l. 18 e 19), em que o enunciador considera relevante o emprego da /Formalidade/ no ato enunciativo. Imprescindível observarmos que, a partir do ato de declarar a renúncia, o enunciador também a realiza: por meio do dito, desfaz-se a figura de Sumo Pontífice investida a ele⁶. Embora a renúncia só adquira significação plena pela cenografia como um todo em sua construção discursiva, a expressão da abdicação torna-se marco enunciativo de transfiguração do sujeito enunciador. O papel e a identidade do *eu*, no momento da enunciação de tal expressão, se modificam. Antes da declaração, temos o Papa Bento XVI como fonte enunciativa, fiador da própria fala, investido de autoridade (inclusive institucional); depois dela, quem se dirige aos co-enunciadores é Joseph Aloisius Ratzinger (já não mais papa), colocando-se na mesma posição que os demais, fato marcado pelo uso da primeira pessoa ampliada, em “vamos confiar a Sagrada Igreja aos cuidados do nosso Supremo Pastor” (l. 26 e 27). Essa alteração de identidade fica bastante clara no tom com que é construída a segunda parte

⁶ Não nos aprofundaremos nesse item por não figurar como objetivo desse trabalho. A *Teoria dos Atos de Fala* teve seu início com os trabalhos de John Langshaw Austin e continuidade com os estudos de John Rogers Searle.



do pronunciamento, após a renúncia, marcada na concretude do texto pela abertura de novo parágrafo. Esse “eu” (tacitamente transfigurado), a partir de Benveniste (1976, p.288), “[...] não pode ser identificado a não ser dentro do que [...] chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade a que ele remete é a realidade do discurso”. Tal realidade se constrói efetivamente a partir das marcas semantizadoras que emergem da cena de enunciação e, mais especificamente, da cenografia.

Nessa etapa do pronunciamento, o enunciador busca intensificar a /Proximidade/ com os co-enunciadores, ao agradecer pelo amor e pelo trabalho dedicados a ele por meio de apoio na condução do ministério (l. 24 e 25). Nessa passagem, mais uma vez encontramos um indício de insistência em que os cardeais invistam credibilidade ao dito, marcada linguisticamente pelo advérbio “sinceramente”. Associamos a esse panorama a manifestação clara de /Modéstia/ e /Simplicidade/, efetivadas pelo pedido de perdão (l. 25 e 26) pelos defeitos. É somente nesse estágio do pronunciamento que o enunciador pode fazer alusão aos próprios defeitos, uma vez que, enquanto Papa, figura santa, representante de Pedro na condução da igreja, não seria apropriada tal referência. Entretanto, a /Crença/ e a /Fé/ continuam enfatizadas, como percebemos na invocação do enunciador aos cardeais para implorar a ajuda da “santa mãe Maria”, que tem como característica citada a “solicitude maternal”, na eleição de um novo Sumo Pontífice.

Deixando claro que a decisão da renúncia foi bem analisada antes de ser posta em prática e considerando a singularidade do fato, o produtor do discurso aponta o que quer para si a partir daquele momento: “desejo também devotadamente servir a Santa Igreja de Deus no futuro, através de uma vida dedicada à oração” (l. 30 e 31). Essas marcas, indícios e seleções vocabulares nos orientam à observação de uma postura de /Engajamento espiritual com a causa/ da igreja e de /Recolhimento/ e /Tomada de consciência/ da nova posição do enunciador.

Tratando especificamente da posição do enunciador, podemos observar que alguns elementos linguísticos tomam para si o encargo de marcá-la: são os índices de pessoa, que consolidam também a relação “eu/tu” na enunciação. A posição do enunciador (o “eu” da enunciação) determina-se efetivamente pelas formas verbais de primeira pessoa, como “renuncio”, “agradeço”, “peço”, e também pela ocorrência de



termos como “eu”, “mim”, “me”, pronomes pessoais, elementos gramaticais que se convertem automaticamente em indivíduos linguísticos de caráter enunciativo a partir de seu emprego no discurso. São exemplos de tais empregos “eu (tive a certeza)”, “eu (tenho de reconhecer)”, “me (apoiaram)”, “(em relação a) mim”. Outros constituintes linguísticos apoiam a consolidação do papel do enunciador e sua posição, como os pronomes demonstrativos associados também à primeira pessoa: “minha (consciência)”, “meu (ministério)”.

Já em relação à posição do co-enunciador, além da recorrência direta do vocativo, conforme observamos anteriormente, é saliente sua marcação na forma verbal em terceira pessoa, nas ocorrências “(comunicar a) “vocês” e “vocês (me apoiaram)”. Observamos que a recorrência ao pronome “vocês”, designando especificamente os co-enunciadores, e por seu uso geralmente informal, auxilia na ênfase à ideia de proximidade e afinidade entre os participantes da cena. A construção “vocês me apoiaram” (l. 25) marca nitidamente a relação “eu/tu” da enunciação, além de figurar também como indício construtor da cenografia.

Maingueneau (2008a) esclarece que, a fim de dar conta do entendimento global de um discurso e, conseqüentemente, reconstruir de forma autêntica sua cena de enunciação através da cenografia, é necessário analisar a marcação de espaço e tempo que se constrói em função do próprio discurso: trata-se da dêixis enunciativa, que se define não por sua relação espaciotemporal empírica, mas pela instância enunciativa dos coenunciadores, que, de certa forma, restringe a cena e a cronologia da manifestação discursiva, permitindo sua enunciação. Também Benveniste (2006) já previa essa necessidade ao incluir no quadro formal de realização da língua os índices de tempo e ostensão.

Com relação à marcação temporal, vale salientarmos que ela se dá em função do próprio universo enunciativo do discurso e não como o apontamento de um tempo físico ou cronológico. Temos, em nossa análise, uma marcação explícita de tal índice, quando o enunciador situa simbolicamente os co-enunciadores em relação ao seu dizer, referindo-se diretamente ao *agora* da enunciação: “convoquei-os para este Consistório” (l. 02). Temos nessa ocorrência uma clara conversão de um elemento gramatical em indivíduo linguístico, em que o pronome demonstrativo “este” associado a “consistório”



marca o “agora” da enunciação. Considerando a significação de “consistório”, podemos atribuir também ao ambiente da cenografia a noção de /Participantes determinados/, são cardeais e o papa participando da cena, e é possível, inclusive, antecipar a sinalização de posições enunciativas.

Ainda numa relação estreita com a dêixis enunciativa, percebemos outra clara contribuição dos índices temporais para a construção da cenografia do discurso em questão. Assim como os marcos espaciais, a categoria de tempo se dá a partir do universo discursivo, materializado por meio da enunciação. É pertinente ressaltarmos a ocorrência direta do marco enunciativo temporal por excelência “agora”, consolidando o momento da enunciação que permeia toda a cena: “e agora, vamos confiar a Sagrada Igreja aos cuidados do nosso Supremo Pastor” (l. 26 e 27). O presente, materializado linguisticamente pelo “agora” da enunciação é referência clara nesse discurso e enfatiza o momento decisivo, raro e transitório pelo qual passa a igreja católica, momento esse em que crença, fé e oração se tornariam indispensáveis até que se escolhesse um novo papa.

277

Esse caráter de /Atualidade/ presente no pronunciamento também se deixa perceber em “contudo, no mundo de hoje, sujeito a mudanças tão rápidas” (l. 10 e 11), quando o enunciador chama a atenção para a necessidade de se pensar a igreja e a fé a partir das condições do tempo presente, a partir do dêitico temporal “no mundo de hoje”. Porém, o tempo presente referido na enunciação não pode ser confundido com o tempo cronológico presente.

Embora encontremos vestígios de datas e horários no pronunciamento (l. 19 e 20) que poderiam ser entendidos como referência temporal cronológica, essas devem ser observadas como marcação temporal enunciativa, direcionando à anterioridade e à posterioridade do momento de enunciação, o que condiciona os co-enunciadores à /Evocação de memórias/ e à /Projeção do futuro/, atingindo diretamente a construção da cenografia. Tal projeção daquilo que ainda está por vir, em relação ao momento de enunciação, também é expressa em “desejo também devotamente servir a Santa Igreja de Deus no futuro” (l. 30 e 31), por meio da recorrência explícita ao dêitico temporal “no futuro”.



A sinalização do presente do momento da enunciação também se deixa transparecer através das formas verbais constitutivas do discurso. Considerando que o presente da enunciação atualiza-se e renova-se a cada produção discursiva, converte-se também em importante indício da produção da cenografia adequada ao dizer em foco. Quando o enunciador explicita suas ações preliminares por meio do pretérito perfeito do indicativo, na primeira parte do pronunciamento, remete os participantes da cena a um momento passado, promovendo uma espécie de /Contextualização/ em relação ao momento da enunciação. É o caso de “**convoquei**-os para este consistório” (l. 2), “eu **tive** certeza” (l. 05) e “força da mente e do corpo, o que [...] se **deteriorou** em mim” (l. 14 e 15). Contudo, uma interferência bastante clara e direta das formas verbais na construção da cenografia se dá por meio da abundância das ocorrências do presente do indicativo, colocando em exposição e ressaltando a /Relevância do momento da enunciação/ em si. Essas ocorrências são materializadas em “minhas forças [...] não **são** mais apropriadas” (l. 06), “eu **estou** bem consciente” (l. 07 e 08), “esse ministério [...] **deve** ser levado não apenas com palavras e fatos” (l. 08 a 10), “**tenho** de reconhecer minha incapacidade” (l. 15), “**declaro** que **renuncio**” (l. 18), “**agradeço** [...] e **peço** perdão” (l. 24 a 26), entre outras. A relação entre o passado e o presente da enunciação provoca e estimula um /Sentimento de continuidade/, que tem como referência o próprio ato de dizer e contribui de forma pontual para a elaboração da cenografia.

278

Assim, é plausível considerar, quanto à configuração da cenografia do discurso de Bento XVI, que se trata de uma disposição balizada por uma relação paradoxal entre o distanciamento respeitoso e a proximidade com o co-enunciador, baseada em cautela, satisfação com a confiança recebida, enobrecimento da função, formalidade, evocação de memórias, projeção de futuro, atualidade, contextualização, relevância do momento de enunciação e sentimento de continuidade. Também compõem a cenografia indícios de reflexão crítica, tomada de consciência, conexão com a realidade, serenidade suposta, vontade própria, formalidade, modéstia e simplicidade, crença e fé, engajamento espiritual e recolhimento para que se construa uma noção mais ampla de resignação.

Considerando, a partir de Maingueneau (2010, p. 206), que a cenografia “[...] é construída pelo próprio texto”, a identificação dos tópicos ressaltados conduz à



construção de uma sólida imagem da fonte enunciativa do discurso. A cenografia extremamente eficaz do discurso em análise associa-se a um /Ethos resignado/⁷, que busca apoio em diversos aspectos do processo enunciativo, marcados linguisticamente inclusive por índices de pessoa, ostensão e formas verbais, para efetivar seu aparecimento e construção. Essa imagem que o enunciador atribui a si por meio do que é dito torna legítimo o seu dizer: todos os indícios da cenografia apontam para a renúncia de Bento XVI ao cargo de chefia da igreja católica, justificada pela resignação a si próprio atribuída por ele por meio do discurso e da própria enunciação. Segundo Maingueneau (2008c, p.59, grifo do autor), “a eficácia do *ethos* tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem ser explicitado no enunciado”. O autor ainda enfatiza que o *ethos* deve ser percebido e não constituir em si um objeto do discurso, ou seja, não deve ser dito: são traços intradiscursivos associados a uma forma de dizer, na busca da construção de certa identidade.

O discurso de cunho religioso, viabilizado por meio de um pronunciamento público formal do então papa Bento XVI e materializado de forma singular por meio de uma cenografia específica, manifesta, então, certa identidade, por meio de um tom de desistência e submissão voluntária, estando intimamente vinculado a um fiador, entidade abstrata, que confere certa autoridade ao enunciador para avaliar seu dizer, para efetivar sua renúncia ao posto de Bispo de Roma. Isso se torna possível se considerarmos os traços psicológicos do fiador construídos por meio da materialidade linguística e a maneira como se coloca e efetiva na situação particular da enunciação. É graças a esses aspectos que os co-enunciadores se incorporam à cena para considerar autêntico e genuíno o dizer do enunciador, partilhando, assim, de forma real e verdadeira, o fazer discursivo.

279

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como fundamento as reflexões apresentadas anteriormente, demonstramos que os índices de pessoa, ostensão e tempo, elementos do quadro geral

⁷ A identificação do *ethos* discursivo, a partir da reconstrução analítica da cenografia do pronunciamento, torna-se o tópico semantizador máximo da construção do sentido da manifestação discursiva em análise.



de realização da língua, foram indícios fundamentais para a exploração da cenografia vinculada ao pronunciamento oficial de renúncia ao cargo do Papa Bento XVI. Considerando a natureza intradiscursiva do funcionamento da língua e também da elaboração da cenografia, buscamos um ponto de encontro para interface entre as contribuições de Émile Benveniste (2006) e Dominique Maingueneau (2008, 2010) para entendimento do sistema discursivo, a partir de um enfoque enunciativo. Destacamos que a apreensão do funcionamento discursivo implica, necessariamente, uma concepção de organização e emprego da língua com base em sua realização enunciativa, a fim de darmos conta de sua significância global. Esse tratamento dedicado à configuração interna da materialidade linguística em foco confecciona uma atmosfera de total ambientação dos envolvidos no processo, onde se cria certa cumplicidade entre sujeitos.

Outro ponto interessante emergente dos enunciados analisados é a efetiva reconstrução exploratória da cenografia, que se dá por indícios observáveis na concretude linguística: são esses sinais que montam, de forma mais abrangente, a própria cena de enunciação; dentre esses sinais, merecem especial destaque as marcas que o próprio sujeito enunciator deixa de si no processo de enunciação, no discurso. A totalidade de sentido do discurso é alcançada ao considerarmos a subjetividade implicada, uma produtiva captação da essência linguística.

São essas marcas de âmbito interno da enunciação, observadas a partir da cenografia e do quadro formal de realização da língua, que avalizam ao discurso a autonomia e a consistência indispensáveis a um processo de construção coerente. As análises realizadas tornam-se, em última instância, um modelo de aproximação da realidade. Perceber a configuração intradiscursiva significa compreender, mesmo que em parte, o processo de utilização da língua, que abandona seu posto de mera virtualidade para transformar-se em discurso, em uso. Ao tratarmos da realidade linguística podemos afirmar, com base no que foi explorado, que teorias voltadas à enunciação e ao discurso em si se complementam na busca do entendimento e da sistematização da linguagem e da língua, ambas, instâncias que promovem a compreensão do próprio homem.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AMOSSY, Ruth (Org.). Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.
- BENVENISTE, Emile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*, SP: Pontes, 2006.
- LEIA a íntegra do discurso de renúncia do Papa Bento XVI. *G1*, São Paulo, 11 fev. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/02/leia-integra-do-discurso-de-renuncia-do-papa-bento-xvi.html>>. Acesso em: 14 ago. 2015.
- MAINGUENEAU, D. Uma semântica global. In: _____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a. p. 75-97.
- _____. *Ethos*, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 69-92.
- _____. Problemas de *ethos*. In: _____. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c. p. 55-73.
- _____. Situação de enunciação: situação de enunciação e cena de enunciação em análise do discurso. In: _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 199-207.
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília; ROCHA, Décio. Resenha de “Gênese dos discursos”, de Dominique Maingueneau. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009.